

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA

Escreve: **Rubens Policastro Meira**

Correspondência:

Rubensmeira@nutecnet.com.br

Rubens Policastro Meira

Cx. Postal, 2002 - Agência Porto

Cuiabá - MT

CEP 78020-970

Diagramação: Elio Mollo

É importante nossos esforços para agir no sentido de que cresçam a justiça e a solidariedade; para que se crie uma nova cultura da vida humana, com o fim de edificar uma nova civilização, autêntica, voltada para a Verdade e para o Amor.

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - I

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

Iniciamos a Coluna Espírita, da SEPE - Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, destinada a informar aos leitores e internautas em geral, as propostas que a Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, apresenta na esperança de contribuir com o *Ser Humano*, em sua marcha ascensional, com o fim de atingir a integração com o Pai.

Assim, nada melhor que o tema "*Valorização da Vida Humana*", para iniciar nossos estudos.

1994 foi um ano dedicado à família, à vida, praticamente por todas as religiões. O direito de viver, é o primeiro de todos os direitos naturais do homem. (1)

Partindo desse princípio o homem é convocado a exercer a vida em toda sua extensão, pois que ela, a vida, se estende para além do campo da matéria, em outras dimensões de existência. Jesus nos falava: "*Eu vim para que tenham Vida, e a tenham em abundância.*"(2) Estas palavras de Jesus demonstram a grandeza e o valor da Vida humana, em todas as suas modalidades.

A Doutrina dos Espíritos sabe que o Evangelho encontra ressonância nos corações de todos, sejam espíritas ou não, crentes ou não.

Todo homem reconhece na lei natural, o direito natural de viver, o qual está inscrito em seu coração e em sua consciência; reconhece o valor transcendente da vida humana, desde o nascimento até o desencarne. Em vista desse reconhecimento pode-se afirmar o direito desse bem, natural, ser inteiramente respeitado. Tal fato conduz à convivência humana e à própria comunidade.

Os espíritas de modo geral, defendem e promovem esse direito.

Por isso, não pode deixar de ecoar no coração de todo espírita, qualquer ameaça à dignidade e à vida humana.

Atualmente é grandiosa a multiplicação e o agravamento das ameaças à vida humana, em todo o planeta, principalmente quando ela é frágil e sem defesa.

Juntam-se às velhas chagas da miséria, da fome, das doenças, da violência, outras, novas, com formas e dimensões inéditas e inquietantes.

João Paulo II, na Encíclica *Evangelium Vitae*, alerta dizendo: "*Tudo quanto se opõe à Vida, como seja, toda espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Todas essas coisas e outras são infamantes; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador.*"

O progresso científico e tecnológico, ao invés de minorar a situação, alertada por João Paulo II, pelo contrário, parece ampliá-lo ainda mais. Com tal progresso, surgem novas formas para atentar contra a dignidade e a vida humana.

Esboça-se e torna-se seguro uma nova situação cultural, com a finalidade de dar aos crimes contra a vida, uma aspecto inédito: amplos setores da opinião pública, movidos pela mídia, pelos instrumentos de comunicação em massa, justificam crimes contra a vida em nome dos direitos da liberdade. Com base nesse direito, pretende-se a impunidade e ainda, a autorização do Estado para sua prática, com a colaboração gratuita dos serviços de saúde. Com o reconhecimento de ações contra a vida, delinea-se o sintoma que leva à ruína moral: a liberdade de escolha, antigamente consideradas criminosas e rejeitadas pelo senso moral comum, gradativamente vão tornando-se respeitáveis. Veja-se o problema do aborto, prostituição, etc.

A medicina que deveria orientar-se para a defesa e manutenção da vida, em alguns setores passou a orientar-se de forma divergente, contradizendo-se a si mesma.

Os problemas demográficos, sociais, que assustam devido à sua incidência em vários povos, estão a exigir uma atenção cristã, espírita, de amor, responsável por parte das comunidades que integram o planeta.

Tais problemas encontram-se sujeitos a soluções falsas e ilusórias, em vista dos avanços científicos e tecnológicos. Soluções que contrastam com a verdade e o bem estar dos seres humanos e das nações.

O resultado é dramático. É grave o fenômeno da eliminação de tantas vidas humanas nascentes ou encaminhadas para a extinção. A Doutrina Espírita sente, sabe que deve dar voz àqueles que não a tem. Seu grito é o grito de Jesus: "*Bem aventurados os pobres, porque deles é o Reino de Deus*", ou conforme tradução de André Chouraqui: "Em marcha, humilhados do sopra! Sim, deles é o reino dos céus". Grito em defesa dos pobres do mundo, dos que são ameaçados, dos que são desprezados, dos que são oprimidos nos seus anseios de preservar o direito natural, inalienável, o direito à Vida.

Hoje, com vistas à organização de uma nova ordem mundial, injustiças e opressões disfarçadas em elementos de progresso, estão reinando, sob o guante das injustiças sociais, oprimindo multidões de seres humanos fracos e indefesos, no direito fundamental: o direito à Vida.

Assim, é importante respeitar, defender, amar e servir à vida. Este o caminho para a justiça, o progresso, a liberdade, a paz e felicidade.

É importante nossos esforços para agir no sentido de que cresçam a justiça e a solidariedade; para que se crie uma nova cultura da vida humana, com o fim de edificar uma nova civilização, autêntica, voltada para a Verdade e para o Amor.

Bibliografia:

- (1) Livro dos Espíritos - Perg. 880
- (2) Bíblia Sagrada - João - 10:10

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - II

Escreve: Rubens PolICASTRO Meira

Qual o oposto de verde? Obviamente todos responderão: *maduro*.

E qual o oposto da vida? Muitos ou talvez a maioria responderão: *Morte*. Ora, Deus que é "*a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas*"(1) jamais iria criar algo que não fosse para a perfeição. Deus não criou a morte. A morte não existe. Então a resposta àquela pergunta, seria: *Vida Eterna*.

A criação do Princípio Inteligente do Universo, Espírito,(2) o qual passando por sucessivas transformações (evolução) ao longo dos milênios, alcançou a categoria de ser inteligente da criação(3), consubstanciado no homem.

O homem foi criado para ser íntegro, reto, incorruptível, portanto com o fim de caminhar para a perfeição, através da evolução, pois que Deus o criou à sua imagem, conforme sua semelhança(4), surgindo em diversas regiões do planeta, sendo Adão um símbolo representativo, de uma determinada raça da espécie humana.

Qual o sentido, a finalidade da Vida? Para que e porque vivemos? A Doutrina Espírita nos demonstra que todos somos criados simples e ignorantes, mas dotados de potenciais para o progresso, em virtude de nosso livre arbítrio(5). A vida na carne, a existência terrena tem finalidade elevada, ou seja, a de superar constantemente nossa condição humana. Ao fazermos a viagem do berço à maturidade estamos desenvolvendo nossas capacidades orgânicas, psíquicas e espirituais, de compreender a vida ao nosso redor e podendo dominar as variadas circunstâncias negativas que surgem no trajeto.

O fato de estarmos na existência terrena, aprimorando-nos em espírito, é auspicioso e eleva-nos acima da categoria dos irracionais. Isso é transcender. Para isso vivemos. E isso nos mostra que o sentido e a finalidade da vida é transcendência. Diferentemente das filosofias materialistas, o Espiritismo nos demonstra, e a Ciência comprova, que as existências são muitas e sucessivas, de forma que a cada nova existência atingimos novo patamar de elevação, de transcendência. Deus não criou a morte, dissemos, criou a vida. Da mesma forma, sendo Deus o princípio de todas as coisas, a perfeição absoluta, não poderia ter criado o mal. No entanto, o mal existe e tem uma causa.

As leis naturais, criadas por Deus, são plenas de sabedoria, e tem como único objetivo, o bem. Dentro de si, na sua consciência, o homem encontra tudo o que é necessário para cumpri-las.

O homem poderia ter uma existência venturosa na terra, caso seguisse as Leis gravadas na sua consciência: "*Faça aos outros o que queres que te façam*". Mas em virtude do seu livre arbítrio assim não procede, e sofre as conseqüências de seu procedimento, e conseqüentemente do seu desenvolvimento, do seu progresso. Onde a causa das conseqüências? " O orgulho e o egoísmo"(6). No egoísmo dos homens está a raiz das misérias que campeiam na sociedade. Uma sociedade onde cada ser humano pensa exclusivamente em si mesmo, antes de pensar nos outros, e procura satisfazer unicamente os seus desejos, onde cada um cuida de proporcionar a si mesmo tal satisfação, sacrificando sem remorso algum os interesses de seus semelhantes, nas mínimas coisas como nas grandes, tanto de ordem moral quanto de ordem material, tal sociedade caminha para a ruína, para a desagregação.

Não será o egoísmo, o orgulho, a raiz da violência à vida de milhões de seres humanos, principalmente crianças, condenadas à fome, à miséria, ao analfabetismo, à marginalização, ao crime, por causa do malévol, injusto sistema de distribuição de riquezas entre os povos e entre as classes sociais?

Não estará no orgulho, no egoísmo, a violência das guerras, no vergonhoso, indecente comércio de armas que favorece tantos conflitos armados, a fim de gerarem lucros para uma classe opressora, conflitos esses que ensangüentam o mundo? Não estará no orgulho, no egoísmo, as sementes de morte que se tem provocado com a alteração dos equilíbrios ecológicos, com a difusão criminosa das drogas, com o uso aberrante da promoção da sexualidade de acordo com padrões e modelos, que além de serem moralmente inaceitáveis, acarretam graves riscos para a vida?

Estas perguntas são dirigidas aos homens que raciocinam para que tomem consciência da extensão e intensidade dos atentados à vida.

É necessário que se parta à procura das variadas causas que as geram e alimentam, refletindo com seriedade sobre o assunto.

Tais evidências acabam conduzindo os seres humanos à "*Cultura da morte*", criando uma consciência coletiva do "crime" assumindo paradoxalmente o caráter de "direito". Que situação nefasta estamos criando na sociedade? Hoje as pessoas, os casais, as famílias, são deixadas sozinhas, a braços com seus problemas; não há solidariedade, entendimento fraterno. Sofrem sozinhas, muitas vezes em silêncio situações de pobreza, angústia, exasperação, nas quais a luta pela sobrevivência, a dor, as violências, se tornam muitas vezes exigentes, podendo atingir até ao heroísmo em defesa da vida. E esta falta de fraternidade impõe uma cultura anti-solidária, que se converte em cultura da morte. Tal cultura é ativamente promovida por fortes correntes culturais, econômicas e políticas, que são portadoras de uma concepção eficientista da sociedade.

Ao olharmos e constataremos os acontecimentos e fatos que ocorrem presentemente no planeta, podemos verificar que existe de fato uma guerra dos poderosos contra os débeis, contra os fracos, os desassistidos, os pobres que Jesus falava. A vida que deveria requerer mais cuidado, amor e acolhimento, é considerada como inútil ou peso insuportável, e, obviamente rejeitada. Assim todo ser humano, toda criatura que pela sua doença, pelo seu defeito, imperfeição, ou ainda, pela sua simples presença (pobre maltrapilho, mal cheiroso, chagado) põe em causa ou em risco, o bem estar ou os hábitos da vida dos que vivem mais avantajados, que se julgam superiores; tendem a serem vistos, olhados, como um inimigo do qual deve-se defender ou eliminar.

Desencadeia-se dessa forma, uma conspiração contra a vida que não se limita apenas aos indivíduos em si, nas suas relações pessoais, familiares, mas alcança outros grupos além, até atingir e subverter no planeta, as relações entre os povos e países.

No egoísmo e no orgulho estão a verdadeira chaga da sociedade por serem incompatíveis com a justiça, o amor, a caridade, pois que neutraliza todas as outras virtudes e qualidades(7).

Bibliografia:

- (1) Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Perg. 1
- (2) Idem - Perg. 23
- (3) Idem - Perg. 76
- (4) Bíblia Sagrada - Gênesis - 1:26,27
- (5) O Céu e o Inferno - Allan Kardec - 1ª Parte - Cap. III - Item 6
- (6) Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Perg. 785
- (7) Idem - Perg. 913

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - III

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

Em nosso último escrito (II) falamos acerca da "*Cultura da morte*", e deixamos evidenciado a existência no planeta, de uma conspiração contra a vida. Tais evidências ficam patentes no que tange ao nascituro, bem como ao doente terminal. Os meios de comunicação, com o fim de atender interesses mesquinhos, sub-repticiamente, criam uma espécie de consciência coletiva em que os crimes, tendem a perder o caráter de crimes para assumir o caráter de direitos. Pretendem e propõem um verdadeiro reconhecimento legal destes "*direitos*" via Estado, e em certos casos (aborto, eutanásia, controle da natalidade) a conseqüente execução gratuita, destes direitos, via profissionais da saúde. Nesse estudo iremos enfocar uma das conspirações contra a vida: *o aborto*.

As grandes corporações do planeta movidas por interesses egoísticos, orgulhosos, econômicos e financeiros, investiram e continuam a investir importâncias fabulosas tendo em vista facilitar a difusão do aborto, e também, a elaboração de medicamentos, de substâncias químicas, que possibilitem a morte do feto no útero materno, independentemente da ajuda do médico. As corporações científicas, nesse mister, encontram-se preocupadas quase que exclusivamente nas pesquisas de se obter produtos cada vez mais simples e eficazes, capazes de subtrair o aborto a qualquer forma de controle e responsabilidade social.

É nesse sentido que afirma-se, sub-repticiamente, que a contracepção, uma vez tornada segura e acessível a todos, seria o remédio mais eficaz contra o aborto. Tal afirmação é artilosa, enganadora.

Muitos recorrerão aos contraceptivos com a intenção também de evitar, no futuro, a tentação do aborto.

Tais valores enganosos demonstram a irresponsabilidade da paternidade e maternidade com base no respeito, na verdade do ato conjugal. A mentalidade contraceptiva bem como o aborto demonstram que: uma contradiz a integralidade do sexo, quando expressão do amor conjugal, e o outro destrói a vida de um ser humano. A contracepção traz em seu bojo uma prática hedonística, ou seja, o ser humano considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível, princípio e fim da vida moral. A contracepção traduz uma prática de irresponsabilidade da sexualidade, e deixa transparecer um conceito egoísta de liberdade, uma vez que vê na procriação um obstáculo ao desenvolvimento da própria personalidade. Dessa forma no encontro sexual, a vida por surgir tornou-se inimiga que se deverá evitar, sendo o aborto portanto, a única solução diante de uma contracepção falha. Outro fato é o chamado aborto eugênico, com base em diagnósticos pré-natais que detectam determinadas anomalias no feto e que tornam-se, com grande freqüência, ocasião de propor e solicitar o aborto. Este tipo de aborto nasce de uma mentalidade materialista, que acolhe a vida apenas sob certas condições, e que recusa a limitação, a deficiência, a enfermidade. No caminho do mesmo raciocínio chega-se a negar cuidados elementares a crianças recém-nascidas com deficiências graves e/ou enfermidades graves.

O cenário apresenta-se desorientador com determinadas propostas para no mesmo raciocínio do direito ao aborto, se legitimar até o infanticídio fazendo com que o homem retorne ao estado de selvageria, de barbárie. O Espiritismo nos demonstra que: "*sempre haverá crime quando se transgride a Lei de Deus*". "*Uma mãe, ou quem quer que seja cometerá crime sempre que tirar a vida de uma criança antes do seu nascimento...*"(1); "*a reprodução dos seres vivos, é uma Lei da Natureza*"(2); e no que tange à contracepção nos ensina que, "*as leis e os costumes humanos, que tem por fim ou efeito criar obstáculos à reprodução, são contrários às Leis da Natureza*"(3), bem como, "*a obstrução à reprodução, à concepção, para satisfazer a sensualidade, além de contrária às Leis da Natureza, provam a predominância do corpo sobre a alma, demonstrando os instintos materialistas do homem*"(4).

Para verificarmos o trabalho dos órgãos de comunicação na incidência do aborto, transcrevemos, sucintamente, a matéria extraída de "O Reformador", janeiro de 1995, pág. 27, referente ao documentário de autoria do Dr. N. Nathanson.

"Médico ginecologista ficou conhecido como diretor da maior clínica abortiva do mundo. Dos 60.000 abortos realizados sob suas ordens, no Centro de Educação Sexual, em Nova Iorque, 5.000 foram praticados por ele próprio. Enquanto isso, os órgãos de comunicação faziam eco dos resultados obtidos

nas pesquisas fraudulentas, influenciando os movimentos feministas e a juventude universitária, que ardiam em suas manifestações. Levada por essa onda, a opinião pública exercia pressão junto ao governo, a magistratura e, principalmente, o legislativo, objetivando a legalização do aborto. Em 1968, quando começou, apenas 1% da população apoiava a prática do abortamento; restando, porém, como convencer 198 milhões de pessoas, num país de 200 milhões, para que aceitassem o aborto. Mais resultados porém não tardaram, como este outro: nos Estados Unidos se praticavam 1.000.000 (um milhão) de abortos clandestinos, QUANDO SABIAMOS QUE ESTES NÃO EXCEDIAM de 1.000 (um mil); então multiplicávamos por mil, para chamar a atenção dos desprevenidos. Mas, os dados não paravam por aí: 24% da população (?) eram partidários do aborto. Três meses mais tarde, dizíamos que o percentual havia aumentado para 50, e assim sucessivamente. O desejo de estar na moda, como a maioria, de ser pra frente, contagiava os seus compatriotas".

"Em setembro de 1972, o Dr. N. Nathanson, pediu demissão da clínica nova-iorquina, para assumir o cargo de Diretor do Hospital São Luiz, em Nova Iorque, dando início em sua nova clínica de Vida, no Departamento de Fetologia. Dr. N. Nathanson confessa humildemente: Para mim aquela foi uma experiência sem precedentes que, no entanto, pesa em meu coração, como uma funesta lápide mortuária". Continuando, diz: "Estudando o feto no interior do útero materno, pude comprovar que é um ser humano com todas as suas características e que lhe devem ser outorgados todos os privilégios e vantagens de que desfrutamos como cidadãos na sociedade. Hoje, com a técnicas modernas, muitas enfermidades podem ser tratadas, no interior do útero. Este é agora o meu argumento: se o ser concebido é um paciente que se pode tratar até cirurgicamente, então é uma pessoa; e se é uma pessoa, tem direito à vida e a que nós, médicos e pais, procuremos conserva-la".(5)

Bibliografia:

- (1) Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Perg. 358
- (2) Idem - Perg. 686
- (3) Idem - Perg. 693
- (4) Idem - Perg. 694
- (5) O Reformador - Órgão da F.E.B. - Janeiro 1995, pág. 27.

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - IV

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

Em nosso último estudo enfocamos sucintamente o aborto bem como o aborto eugênico, modalidades atentatórias à vida humana.

Analisaremos agora os aspectos legais e éticos concernentes àqueles assuntos.

No Brasil o aborto NÃO é punível em apenas 2(duas) situações: os chamados abortos necessários (I) e abortos sentimentais (II).

O artigo 128 do Código Penal Brasileiro, determina:

"Art. 128 - Não se pune o aborto praticado por médico:

I - Se não há outro meio de salvar a vida da gestante;

II - Se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal."

- o No que respeita à cultura da morte, e/ou à conspiração contra a vida que já falamos, é importante tomar-se conhecimento de que acompanhando uma tendência global, mundial, o Ministério da Justiça do Brasil elaborou um anteprojeto de lei - a Portaria nº 304 de 17.07.1984, publicada no D.O.U. em 19.07.1984 - com a pretensão de acrescentar um outro inciso (o III) no dispositivo penal retro citado, o qual permitiria o aborto, "*se há fundada probabilidade, atestada por outro médico, de o nascituro apresentar graves e irreversíveis anomalias físicas ou mentais*".

O tema continua nos dias que correm, levando-se em consideração que tramita pelo Congresso Nacional projeto de revisão do vigente Código Penal, não se descartando a possibilidade de inserção, no rol do artigo 128, do chamado aborto eugênico o qual, eufemisticamente, seria denominado aborto piedoso.

Neste momento é importante recordar aos profissionais de medicina, certos aspectos ético-morais de conduta, a fim de que não se incompatibilizem os sagrados misteres dos discípulos de Esculápio e a prática criminosa e imoral do aborto, principalmente o eugênico. Vejamos algum aspectos:

Código de Ética Médica (Resolução CFM nº 1246/88):

A medicina é uma profissão a serviço da saúde do ser humano (art. 1º)

O médico deve guardar absoluto respeito pela vida humana, atuando sempre em benefício do paciente. Jamais utilizará seus conhecimentos para gerar sofrimento físico ou moral, para o extermínio do ser humano ou para permitir e acobertar tentativa contra sua dignidade e integridade. (art. 6º)

É vedado ao médico discriminar o ser humano de qualquer forma ou sob qualquer pretexto. (art. 47º)

É vedado ao médico fornecer meio, instrumento, substância, conhecimentos, ou participar, de qualquer maneira, na execução de pena de morte. (art. 54º)

Salvo por causa justa, comunicada ao paciente ou a seus familiares, o médico não pode abandonar o paciente por ser este portador de moléstia crônica ou incurável, mas deve continuar a assisti-lo ainda que apenas para mitigar o sofrimento físico ou psíquico. (art. 61º - par. 2º)

É vedado ao médico utilizar, em qualquer caso, meios destinados a abreviar a vida do paciente, ainda que a pedido deste ou de seu responsável legal. (art. 66º)

É vedado ao médico participar de qualquer tipo de experiência no ser humano com fins bélicos, políticos, raciais ou eugênicos. (art. 122º)

Os dispositivos acima, evidenciam a missão da Medicina e dos médicos.

Código Internacional de Ética Médica (adotado pela 3ª Assembléia Geral da Associação Médica Mundial, Londres, Outubro de 1949):

Destacamos dois deveres essenciais do médico para com o paciente:

- O médico deve ter sempre o cuidado de conservar a vida humana;
- O médico deve a seu paciente completa lealdade e empregar em seu favor todos os recursos da ciência.

Declaração de Nuremberg (ou Código de Nuremberg, 1946):

Elaborado no clima do pós-2ª guerra mundial, quando foram constatadas crueldades inimagináveis praticadas em nome do orgulho nacional, da pureza étnica e do sonho louco de se construir uma super-raça.

- Todos os cuidados e precauções devem ser tomados para evitar a mais remota condição de injúria, morte ou incapacidade. (art. 7º)
- O cientista deve suspender o experimento a qualquer tempo que o julgar capaz de incapacitar o paciente, lesa-lo ou mata-lo. (art. 10º)

Declaração de Genebra (adotada pela Assembléia Geral da Associação Médica Mundial, Genebra, Suíça, Setembro 1948):

Realçamos dois itens deste juramento, os quais bastam para o que pretendemos com nosso estudo:

- A saúde dos meus pacientes será a minha primeira preocupação;

Manterei o mais alto respeito pela vida humana, desde a sua concepção. Mesmo sob ameaça, não usarei meu conhecimento médico em princípios contrários às Leis da Natureza.

Declaração Universal dos Direitos do Homem (Resolução da 3ª Sessão Ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas - Paris - 10.12.1948)

Deste documento podemos citar:

- Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade. (art. 1º)
- Todo homem tem direito à vida... (art. 3º)
- A maternidade e a infância têm direito a cuidados especiais... (art. 25º - inciso II)

Agradecemos a paciência e compreensão dos leitores pelas longas citações, que se fizeram necessárias para melhor compreensão e análise do assunto, as quais servem para evidenciar a absoluta e invencível incompatibilidade entre a conduta ética desejável e o crime ignominioso do aborto em si, e principalmente do aborto eugênico. A menos que se faça letra morta e ouvidos de mercador a tudo o quanto pudemos mencionar.

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - V

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

Deixamos claro, em nossos estudos anteriores, os indícios que conduzem à cultura da morte.

No entanto, indícios não menos graves, igualmente pairam sobre os doentes considerados incuráveis e os doentes em estado terminal. Falamos da eutanásia.

Eutanásia é a "*prática pela qual se busca abreviar, sem dor ou sofrimento, a vida de um doente reconhecidamente incurável*". (Dicionário Aurélio).

O mundo encontra-se envolvido num contexto social e cultural onde dia a dia se torna mais difícil enfrentar e mesmo suportar o sofrimento. No âmbito desse contexto mais viva, mais intensa, se torna a tentação de resolver a situação do sofrimento eliminando-o pela raiz, mediante a precipitação, a aceleração do processo da morte para o instante considerado mais oportuno.

Várias premissas concorrem para esta terrível decisão.

No doente, a ansiedade, o sofrimento, a falta de esperança, ou até mesmo a irritação ante a enfermidade, a dor intensa, podem concorrer para a decisão pessoal.

Observa-se que são colocados à prova os equilíbrios da vida pessoal e familiar, de forma a demonstrar por um lado, o doente, que apesar dos meios mais eficazes proporcionados pela medicina, poderá sentir-se esmagado pela própria debilidade; de outro lado, nos familiares e pessoas que lhe estão ligados por afeição, pode nascer um sentimento de mal-entendida piedade, compaixão.

Em uma sociedade materialista, consumista, mascarada de civilização cristã, como a que vivemos atualmente, com uma visão religiosa míope, sem atentar para as realidades do Espírito e da Vida, não se vislumbra realmente valor algum para o sofrimento, pelo contrário, considera-o como um mal que deve ser eliminado a qualquer preço, a todo custo.

Em uma sociedade materialista, dita de civilização cristã, não somente o sentimento de compaixão é utilizado para justificar a eutanásia mas também uma razão utilitarista, isto é, com a finalidade de evitar despesas improdutivas pesadas demais para a sociedade. Assim chega-se a propor a supressão dos recém-nascidos defeituosos, dos deficientes profundos, dos inválidos, dos idosos, sobretudo quando não são auto-suficientes, e dos doentes terminais. Não é justo, principalmente aos espíritas, calar diante dessas formas de opressão, de criminalidade. A quem Jesus voltou sua atenção quando esteve conosco há 2.000 anos? Aos pobres, aos cegos, aos coxos, aleijados, aos leprosos, aos famintos, aos miseráveis, aos perseguidos, aos esmagados, aos cativos, aos pequenos que são menos que nada.

Verificamos por Jesus, que a verdadeira história da humanidade é a história da dor, do sofrimento.

O Espiritismo nos demonstra a ilicitude em abreviar a vida de um doente que sofre sem esperança de cura.(1)

No Brasil, a Constituição Federal, de Outubro 1988, em seu artigo 5º, caput, garante primordialmente como direito e garantia fundamental a todos, "*a inviolabilidade do direito à vida...*"

Nossa legislação faz opção pela vida e pela saúde, não somente no aspecto retórico, mas sim com efeitos práticos e diretos, ensejando critérios de julgamentos criminais, como por exemplo, em hipóteses de periclitamento de vida, omissão de socorro, do tratamento arbitrário, do homicídio.

A eutanásia, se enquadra no crime de homicídio.

Certos direitos todavia, prescindem de reconhecimento formal por parte dos legisladores, inclusive a nível constitucional, se colocando em um momento anterior, como algo imanente ao ser humano, o qual não precisa, não necessita ser declarado, ser votado, ser legislado. É o direito à Vida.

A Doutrina dos Espíritos nos demonstra "*que o primeiro de todos os direitos do homem, é o de VIVER. Por tal assertiva ninguém tem o direito de atentar contra a vida do seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal.*"(2)

Um grande Jurista registra(3): "*A lei natural foi razoavelmente percebida pelos gregos e pelos romanos, que entendiam haver duas ordens pertinentes à organização social: uma delas preexistente à sociedade e inerente ao ser humano, que com tais direitos nascia, e outra criada pelo Estado conforme as necessidades circunstanciais e próprias de seu povo. À primeira denominavam "**direito natural**" e à segunda "**direito***

escrito ou positivo". Não chegaram seus autores a estudar, nesse nível de clara divisão as duas ordens, mas de seus escritos deduz-se a intuição das mesmas, que o direito natural veio reconhecer". Prossegue dizendo: "...o direito fundamental do ser humano à vida, que é lei não-criada pelo Estado, mas pelo Estado apenas reconhecida e que pertence ao ser humano, não por evolução histórico-axiológica, mas pelo simples fato de ter nascido. É-lhe inerente e não concedida". Continua demonstrando ser o artigo 5º da Constituição Federal, "norma de direito natural", oferecendo-nos uma conclusão: "Por esta razão, o aborto e a eutanásia são violações do direito natural à vida, principalmente porque exercidos contra insuficientes. No primeiro caso, sem que o insuficiente possa se defender e no segundo, mesmo com autorização do suficiente, que levado pelo sofrimento, não raciocina com a lucidez que seria desejável. É violação ao direito à vida o suicídio, pois o suicida é também um insuficiente levado ao desespero do ato extremo, por redução de sua capacidade inata de proteção, constituída pelo instinto de preservação".

É importante meditar sobre tais conceitos, sobre os conceitos éticos já examinados anteriormente, pois em verdade, definem a posição de nosso Direito, sendo a eutanásia inadmitida, lembrando que a legislação brasileira faz opção pela vida e pela saúde.

A valorização da vida para o Espiritismo se liga de forma direta e íntima aos seus princípios básicos, de tal sorte que para o espírita pensar e agir de forma diferente implica em sua direta contrariedade. A coluna básica do Espiritismo nesse contexto encontra-se na pluralidade das existências, nas sucessivas reencarnações. Em seu caminhar evolutivo ao longo do tempo, o Espírito passa por sucessivas encarnações que lhe proporcionam oportunidades de aprimoramento, de elevação, de conquistas. Nesse caminhar que constitui um processo de aprendizado e também de expiação de faltas passadas, de purificação, o sofrimento físico ou moral surge como ferramenta indispensável e auxiliar em nossas experiências práticas que nos levarão à efetiva realização da virtude, à plenitude da vida moral.

O Espiritismo tem por base o respeito à vida desde o momento da concepção, condenando qualquer modalidade de ação que tenha por fim interrompe-la, por mais insignificante que possa parecer.

A terra é a grande escola para os Espíritos encarnados sendo uma oportunidade para a reflexão, em qualquer situação que se lhe apresente mesmo que seja sob a forma de sacrifício e dor num leito de desconforto e sofrimento. Compreende-se então a miopia do ser humano quando se revolta contra a doença, a qual deve ser encarada também, como recurso necessário à evolução por ser ela de responsabilidade exclusiva do ser e não decorrente da fatalidade ou de desajuste do Criador.

A eutanásia, boa morte, morte piedosa, somente será verdadeiramente legítima na acepção ética do termo, quando de limitar à solidariedade e ao amor dedicados a quem estiver de partida na certeza de que caminha para o seu verdadeiro nascimento, para a entrada na verdadeira vida.

Bibliografia:

- (1) O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - Cap. V - item 28
- (2) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Perg. 880
- (3) Fundamentos do Direito Natural à Vida - Ives Gandra Martins - Lex Editora S.A. - SP. 1991

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - VI

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

No contexto mundial evidencia-se uma preocupação constante por parte dos países desenvolvidos e ricos, em relação aos países pobres, sub-desenvolvidos e em desenvolvimento: a chamada superpopulação, fenômeno e crescimento demográfico.

Enquanto nos países ricos observa-se uma queda de natalidade, os países pobres apresentam substancial aumento de natalidade e conseqüente aumento populacional. Observa-se que nos países ricos e desenvolvidos o crescimento populacional é inferior a 1% (um por cento) ao ano; nos países pobres e menos desenvolvidos os índices de aumento populacional ultrapassam os 2,5% (dois e meio por cento) anuais.

Tais fatores induzem os países ricos, que sentem-se ameaçados pela explosão demográfica dos países pobres, a programarem fabulosas campanhas difundindo a contracepção, a esterilização, laqueamentos, ligaduras, bem como o aborto. Justificam tais campanhas afirmando que seria insuportável o aumento populacional ante um menor ou pequeno progresso econômico e social, ou mesmo de subdesenvolvimento. Na verdade vêem e temem que o aumento populacional dos países pobres e subdesenvolvidos coloque em risco o bem-estar, a comodidade e a tranqüilidade conquistada.

A preocupação dos países ricos e desenvolvidos, dos poderosos em âmbitos nacionais, reflete uma temática de alguns milênios, quando o faraó do Egito ante o aumento populacional dos israelitas, após sujeitá-los a todo tipo de opressões, ordenou que todas as crianças do sexo masculino fossem mortas(1). Hoje, tanto como ontem, não há interesse em procurar enfrentar e resolver o problema dentro do respeito à dignidade do ser humano, do direito à vida, tendo em vista o orgulho, o egoísmo que sufocam as mais nobres aspirações.

Ao contrário preferem impor um maciço controle, planejamento, da natalidade, pois que condicionam, injustamente, as "ajudas econômicas" à aceitação de uma política contraceptiva.

Em virtude do temor que o fenômeno demográfico inspira aos "poderosos" da terra, as ameaças contra a vida assumem proporções alarmantes, constituindo-se de ameaças programadas de forma científica e sistemática. João Paulo II alerta expondo que "*o século XX será considerado uma época de ataques maciços contra a vida, uma série infundável de guerras e um massacre permanente de vidas humanas inocentes. Os falsos profetas e os falsos mestres conheceram o maior sucesso possível*"(2).

O que procuramos proclamar linhas atrás não é novidade. Em 1798, o ministro da Igreja Anglicana e cura de Albury, no Surrey, Thomas Robert Malthus, publicou um ensaio denominado: "*Um Ensaio sobre o Princípio da População*", em que preconiza o perecimento final da população, se não se impuser controle à sua multiplicação. Malthus fundamenta sua tese no sentido de que a produção de recursos essenciais, cresce em progressão aritmética, e o aumento populacional em progressão geométrica e que assim, a superpopulação, pelo consumo, levaria ao esgotamento da capacidade física do planeta. Em seu ensaio Malthus, cita que: "...os pobres são eles próprios, a causa de sua própria pobreza"; que "...todo homem que nasce num mundo já ocupado não tem o direito de reclamar parcela alguma de alimento. No grande banquete da natureza não há lugar para ele. A natureza intima-o a sair, e não tarda a executar essa intimação"(3). Malthus era cristão, ministro protestante.

Pelo conceito malthusiano verificamos que a religião durante séculos esteve a serviço dos poderosos, abdicando do preceito de Jesus em favor dos pobres, dos oprimidos. Karl Marx, materialista, não cristão, rechaçou a teoria de Malthus pela sua cruel desumanidade(4).

Nas últimas décadas os fatores que contribuíram para o crescimento da população mundial, principalmente nos países pobres e em desenvolvimento, foram a redução da taxa de mortalidade infantil e o aumento do prazo médio de duração de vida.

Cogita-se em escala internacional, que ante a possibilidade de um aumento populacional incontrolável, "*pode acontecer*" que medidas futuras por parte das nações ricas e desenvolvidas sejam preconizadas e colocadas em execução, com o fim de frear a taxa de crescimento da população mundial. Almejam uma estabilização populacional e para tal a taxa de crescimento desejável seria de 0% (zero por cento), o que seria alcançado somente no século XXII, com 15 bilhões de habitantes. No entanto, em vista dos planos

existentes, há esperanças por parte dos países ricos, de obter-se a taxa 0% (zero por cento), antes do século XXII, isto é, no ano 2.050, ou seja, dentro de apenas 55 anos, com uma população próxima dos 10 bilhões de indivíduos.

A preocupação primordial daqueles que detém o poder econômico e financeiro em escala internacional, fica patente na obra de JACQUES VALLIN,(5) onde enfatiza que "*embora conseguida a estabilização do crescimento populacional, na forma mais otimista, ou seja, de 10 bilhões no ano 2.050, o maior desafio não será quanto nós seremos no futuro próximo, mas sim como haveremos de fazer para vivermos com tanta gente demandando alimento, roupa, calçado, transporte, moradia, assistência médica, educação, etc.*"

Quais seriam as medidas futuras que poderiam acontecer por parte dos ricos e poderosos? Esterilização em massa? Proibição compulsória de gerar? Aperfeiçoamento racial? É importante lembrar que a intenção de controlar o crescimento populacional, serve única e exclusivamente aos poderosos, aos dominadores, aos privilegiados, aos egoístas, com a finalidade de manter, de perpetuar uma casta de privilegiados, os quais, inconscientemente, produzem e reproduzem a temível "*Bomba P*", bomba populacional.

A fim de manter os privilégios conquistados, a classe dominante está tomando consciência de que a superpopulação gera problemas não somente econômicos e ecológicos, mas também problemas éticos, políticos, religiosos, filosóficos, educacionais, de segurança, de saúde física e mental, habitacionais, etc.

Se conscientizam e a imprensa escrita, falada e televisionada, demonstra dia a dia, a dificuldade, o temor, a insegurança existentes no planeta, em face da miséria, do desemprego, da fome, do desrespeito à vida, fatores esses produzidos pelos mesmos poderosos, em face do orgulho e do egoísmo, as duas chagas da humanidade.

Nas grandes cidades do mundo, seja desenvolvido ou subdesenvolvido, podemos contemplar como a vida se transforma em uma luta sem tréguas contra as dificuldades oriundas da competição, do egoísmo, do isolacionismo de cada criatura, onde a insegurança e a agressividade, automaticamente se geram, como algo normal do dia a dia.

Os poderosos se conscientizam também de que em determinadas cidades a vida deixa de ser uma alegria, convertendo-se em um pesadelo, situação que com a superpopulação deverá tornar-se constante.

Procuram então fórmulas para a solução de tais problemas, tais como, conseguir uma "*conscientização*" universal a respeito da "*gravidade*" da situação, na intenção de convencer a todos os habitantes a evitarem proles numerosas.

Dai os projetos da contracepção no intuito de propiciar o almejado controle populacional.

O que o planeta atualmente vivência no que tange às guerras localizadas, à fome, à miséria, o desemprego, à falta de assistência, o desrespeito à vida humana, à prostituição, o vício, tóxicos, marginalização, fazem parte do projeto da cultura da morte, de uma verdadeira conspiração contra a vida, refletindo os efeitos de uma causa. A causa está no orgulho e no egoísmo.

Ao mesmo tempo em que pensam "*conscientizar*" os povos visando uma prole menos numerosa, esquecem-se de perguntar a si mesmos: *Tais fatos não estariam na raiz das desigualdades econômicas das nações, que tem contribuído para o crescente empobrecimento do chamado terceiro mundo, favorecendo destarte os países ricos e desenvolvidos? Se as populações mais pobres são as mais prolíficas, como promover com justiça, a melhor distribuição da riqueza entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos?*

Como pretendem conseguir uma "*conscientização*"?

Porque conscientizar as populações mais pobres com o fim precípua de evitar proles numerosas?

Será que entendem que sempre haverá uma classe de ricos, de poderosos, e outra de pobres, de frágeis?

Será este um fator determinista no grande concerto da Vida?

Como promover uma justa distribuição da riqueza?

Qual a causa da desigualdade econômica das nações e implicitamente dos indivíduos?

Devemos entender que "*conscientizar*" deverá ser uma iniciativa que deve respeitar a responsabilidade inalienável dos casais, e jamais recorrer à métodos que venham desrespeitar as pessoas nos seus direitos fundamentais.

Os governos, as instituições, antes de tudo, deveriam criar planos sérios que visem melhores condições econômicas, sociais, médico-sanitárias e culturais, permitindo aos casais realizar suas opções procriadoras, com responsabilidade e liberdade; procurar e envidar esforços para aumentar os meios e distribuir com justiça a riqueza, com a finalidade de todos participarem equitativamente dos bens da criação. Envidar

esforços para soluções internacionais para a instauração de uma autêntica, legítima, economia de uso e participação de bens, dentro da ordem internacional como da ordem nacional.

Tal é o único caminho que irá respeitar a dignidade dos seres humanos, das famílias, bem como o autêntico patrimônio cultural dos povos. É imprescindível a defesa e a promoção da vida. Tal desafio na virada do milênio, é espinhoso, é áspero. Para tanto, a fim de evitar uma derrota da civilização com consequências imprevisíveis, faz-se mister e urge, uma cooperação em caráter internacional de todos os que acreditam no valor da vida.

A humanidade com menos orgulho, menos egoísmo, poderá expurgar a fome, a miséria, os temores, os vícios da face da terra, pois que estará construindo o "Reino de Deus", sob a tônica de "Ama o teu próximo como a si mesmo".

Bibliografia:

- (1) Bíblia Sagrada - Êxodo 1:7-22
- (2) Carta Encíclica Evangelium Vitae - João Paulo II
- (3) Economia - Malthus, Thomas Robert. Editora Ática, 1982
- (4) O Capital - Karl Marx, Coleção os Economistas - Edição Nova Cultural, volume II, capítulo XXIII
- (5) La Population Mondiale; 1º Alarmisme Est Depassé - Jacques Vallin.

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - VII

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

Ante a conspiração existente contra a vida, conforme verificamos ao longo dos estudos, pergunta-se: que fazer?

É importante a instauração de questões e dúvidas ante a cega certeza dos preconceitos e das crenças existentes no campo dos valores morais e religiosos, que orientam a conduta dos indivíduos mas também servem de alicerces às instituições. Quais são os valores morais na atualidade? Em síntese o orgulho, a vaidade, o egoísmo.

Assistimos a uma virada de direção de conseqüências danosas no que tange aos direitos humanos, inerentes a cada ser e anteriores à qualquer legislação humana, implicado atualmente numa estranha contradição: exatamente quando se anunciam solenemente os direitos invioláveis do ser humano, quando se afirmam publicamente o valor da vida, esse mesmo direito à vida é negado e calcado aos pés, particularmente nos momentos preciosos da vida, o nascer e o morrer. Quando o intransferível direito à vida é colocado em discussão e às vezes até mesmo negado, em discussões e votos parlamentares, o resultado, nefasto, é de um relativismo incontestado: o próprio "direito" deixa de o ser, porque já não está mais embasado na inviolável dignidade do ser, mas sim, sujeito ao arbítrio, à vontade do mais forte. É dessa forma, pelo descrédito de suas regras, que a democracia caminha para o totalitarismo. Deixando de ser o templo de todos, comum, onde pode-se viver segundo princípios de igualdade, o Estado transforma-se num Estado tirano, presumindo que pode dispor da vida dos mais fracos, dos indefesos, desde o feto, ainda não nascido, até o idoso, muitas vezes em nome de uma utilidade pública que, na realidade, não é senão o interesse de alguns poucos que se "julgam" poderosos.

Onde o sentido, as raízes, da conspiração contra a vida, da cultura da morte, em detrimento da cultura da vida? As raízes estão na ausência do sentido de Deus, o que implica na ausência do sentido do homem.

Tal processo é típico do contexto sócio-cultural vigente há séculos, atingindo inclusive instituições religiosas.

Quando se perde o sentido de Deus, igualmente pode-se perder, também, o sentido do homem, da honestidade, da honra, do respeito a si próprio, da vida.

Tal processo produz o materialismo, ou seja, conduzir a vida voltada exclusivamente para os gozos e bens materiais, proliferando como se vê na atualidade, o individualismo, o utilitarismo, e o hedonismo que é a doutrina que considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível, princípio e fim da vida moral.

Dessa forma invertem-se os valores. O SER fica substituído pelo TER.

No contexto materialista descrito e existente na atualidade, as relações humanas decaem a um empobrecimento fatal.

Os primeiros a serem atingidos são a mulher, a criança, o enfermo, o idoso. A avaliação pessoal da dignidade do ser - do respeito, do altruísmo e do trabalho - são substituídos pelos critérios da eficiência, da funcionalidade, da utilidade: o outro, o ser humano, é avaliado não por aquilo que ele "é", mas sim por aquilo que ele "tem, faz e rende". Tudo em busca do lucro mais fácil, mais rápido. É a preeminência do mais forte sobre o mais fraco. É a ausência de Deus nos corações.

No campo do respeito à vida, Jesus no Sermão da Montanha, expõe e pede aos seus discípulos uma Justiça superior à dos escribas e fariseus, quando diz: "*Porque vos digo que, se a vossa Justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus*"(1).

O Antigo Testamento nos mostra que a legislação hebraica se preocupava em garantir e salvaguardar as situações de vida dos que estavam em dificuldade, tais como o estrangeiro, a viúva, o órfão, o enfermo, o pobre em geral, a vida antes de nascer(2). Tais leis e exigências, positivas, adquirem nova força, nova energia, novo arrebatamento e novo impulso, tanto em profundidade como em amplitude: vão desde a proteção da vida do irmão (parente, membro do mesmo povo, estrangeiro que habitava as terras de Israel), passando pelo cuidar do desconhecido, chegando ao amor pelo inimigo.

O estranho, o desconhecido deixa de sê-lo para aquele que deve fazer-se próximo para todos os que se encontram necessitados, devendo se for o caso, até assumir a responsabilidade da sua vida. Tal procedimento Jesus nos ensinou de modo expressivo, direto, sem rodeios, na parábola do bom samaritano (3).

Assistindo as contradições existentes no planeta, constatamos que após 2.000 anos, o ensino, o exemplo de Jesus, ainda não está sendo inteiramente compartilhado pelos homens. E na terra, os "cristãos" somam aproximadamente 3/4 (três quartos) da população. A maioria dos países e detentores do poder, ricos e desenvolvidos, são nada mais nada menos, que países e dirigentes "cristãos".

A assertiva do momento materialista que a sociedade humana vive, está nas características dos atuais atentados à vida.

Como já falamos anteriormente, procura-se exigir a sua legitimação jurídica, como se, os direitos à vida fossem direitos que o Estado deveria, pelo menos em certas condições, reconhecer ou não aos cidadãos. Algumas opiniões chegam a defender, que numa sociedade moderna e pluralista poderia e deveria se reconhecer a cada cidadão total liberdade e independência para dispor de sua própria vida e da vida ainda em processo de gestação. Argumentam que não seria competência da lei escolher entre as várias opiniões morais, e menos ainda pretender impor uma opinião particular em prejuízo das outras.

Importa que a formulação da Lei, o reconhecimento tão só de uma lei objetiva que enquanto lei natural e inscrita na consciência do homem, seja ponto normativo de referência para a própria lei civil.

Para o aprimoramento da sociedade necessário se faz redescobrir a realidade de valores humanos e morais essenciais, derivados da própria verdade do ser humano, pois com ele foram-se plasmando ao longo das existências, e que exprimem e defendem a dignidade do ser. Nenhum indivíduo, nenhuma maioria, nenhum Estado poderá jamais criar, modificar ou destruir estes valores humanos e morais, mas simplesmente apenas reconhece-los, respeita-los e promove-los.

Nesse sentido é importante retomar os elementos fundamentais da visão das relações entre lei civil e lei moral.

A função da lei civil é diferente e seu campo de ação mais restrito que o da lei moral. Em verdade, em nenhum campo de ação da vida pode a lei civil substituir-se à consciência, nem mesmo pode traçar normas no que ultrapassa a sua esfera de ação, que é o de assegurar o bem comum das pessoas mediante o reconhecimento e defesa de seus direitos fundamentais. João XXIII recorda que: "*A função primordial de qualquer poder público é defender os direitos invioláveis da pessoa e tornar mais viável o cumprimento dos seus deveres. Por isso mesmo, se a autoridade não reconhecer os direitos da pessoa, ou os violar, não só perde ela a sua razão de ser como também as suas disposições estão privadas de qualquer valor jurídico*(4)."

Dessa forma leis que tendem a legitimar a eliminação de seres humanos, por quaisquer métodos (aborto, eutanásia, fome, guerras, etc.) estão em contradição total com o direito natural à vida, próprio de todos os seres, pois que negam a igualdade de todos perante a lei. Assim se governantes legislarem algo contra a ordem natural da vida, tais prescrições não podem obrigar a consciência dos cidadãos, e neste caso, a própria autoridade deixa de existir, porque implicitamente caracteriza-se um abuso de poder. São Thomas de Aquino pontifica: "*A lei humana tem valor de lei enquanto está de acordo com a reta razão: derivando, portanto, da lei eterna. Se, porém, contradizer a razão, chama-se lei iniqua e, como tal, não tem valor, mas é um ato de violência. Toda a lei constituída pelos homens tem força de lei só na medida em que deriva da lei natural. Se, ao contrário, em alguma coisa está em contraste com a lei natural, então não é lei, mas sim, corrupção da lei*"(5).

Ora, leis que autorizem e favorecem o aborto eugênico, o aborto, a eutanásia, a proliferação das guerras de conquista, o desemprego, a marginalização do ser humano, a falta de assistência aos necessitados e idosos, colocam-se frontalmente contrárias ao bem da pessoa e ao bem comum, contrárias ao bom senso, contrárias às leis naturais, e assim, por conseguinte, carecem de autentica validade jurídica. Conclui-se que uma lei civil que legitima tais abusos morais e éticos deixa, por isso mesmo, de ser uma verdadeira lei civil, moralmente obrigatória.

É urgente uma mobilização geral, um esforço ético comum, com a finalidade de colocar em campo uma tática e uma estratégia a favor da vida; devemos todos juntos, elaborar e construir uma nova cultura da vida.

Bibliografia:

- (1) A Bíblia Sagrada - Mateus 5:20
- (2) A Bíblia Sagrada - Êxodo 21:22; 22:20-26
- (3) A Bíblia Sagrada - Lucas 10:25-37
- (4) Carta Encíclica Pacem In Terris - João XXIII
- (5) Summa Theologiae - Sto. Thomaz de Aquino

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - VIII

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

Falamos em elaborar todos juntos uma nova cultura da vida. Nova porque deverá ter condições de resolver e enfrentar os problemas incomuns de hoje acerca da vida do homem.

Nova porque com liberdade avocada com certeza mais firme e trabalhosa. Nova porque capaz de promover um sério e corajoso confronto cultural.

Falávamos da urgência da mobilização de todos. Esta urgência está intimamente ligada ao momento histórico que a humanidade atravessa, e enquadra-se, enraíza-se na missão do Espiritismo. Qual a sua missão?

Há dois pontos essenciais na Doutrina Espírita: a dos fatos materiais e a de suas consequências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos; a segunda, que dela decorre, é a única que pode levar à transformação da humanidade pelo melhoramento individual. Assim o melhoramento é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo.

Sua máxima "*Fora da caridade não há salvação*", brilha como o sol do futuro, pois a caridade preconizada não é a caridade fútil, fingida, mas sim a caridade derivada do Amor e da Solidariedade.

Tal máxima é uma garantia de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma nova era, onde devem extinguir-se os ódios e as dissensões. O Espiritismo vem colaborar com o homem, valorizando-o, pois vem combater a incredulidade que é o elemento dissolvente da sociedade, substituindo a fé cega, que se extingue, pela fé raciocinada, que vivifica. Com o estudo e a prática da Doutrina, a "ausência" de Deus nos corações, raiz do materialismo existente, se transformará em Luz nos corações, pois que Deus ali habitará.

Para tanto tendo como Jesus por modelo e guia(1), tipo da perfeição moral que a humanidade pode aspirar, traz em si o elemento regenerador da humanidade e será a bússola das gerações futuras.

Para renovar a cultura da vida devemos inicia-la no recinto dos nossos corações, para daí partirmos juntos à comunidade. Não há como entender em nossos corações, em nossas consciências, que espíritas venham a cair em uma espécie de dissociação entre o conhecimento espírita e as suas exigências éticas a propósito da vida, culminando em subjetivismo moral e certos comportamentos inaceitáveis.

Conjuntamente, para a renovação da cultura da vida, deve-se promover diálogos, sérios e profundos com todos, sem exceção, espíritas ou não espíritas, sobre os problemas fundamentais da vida humana, tanto nas escolas, faculdades, etc., como nos diversos recintos profissionais, bem como, nas situações em que se desenrola diariamente a existência de cada um. Uma das finalidades, também, do Espiritismo, é fazer calar, marcar no fundo do coração, a demonstração viva e cabal da imortalidade do espírito. Demonstrando que o Espírito é imortal, deixa subjacente demonstrado o processo de humanização, como necessidade imposta ao Espírito, pelas leis naturais(2) - Do processo de humanização, surge a necessidade ao espírito de viver em sociedade, pois Deus fez o homem para tal vivência e convivência(3) - Assim do processo de humanização surge o direito de VIVER, o primeiro de todos os direitos naturais do homem(4).

Para que a cultura da vida seja renovada, para que uma série de problemas que afetam a criatura humana possam ser de alguma forma minorados e/ou reduzidos, com a finalidade do Espírito imortal aprofundar sua fé, (certeza, convicção), e sua tranquilidade, buscando atingir e cumprir seu destino, impõe-se, necessita-se de uma política de produção econômica, da qual dependerá a saúde do corpo, e uma ordem justa nas relações humanas.

A história da evolução da humanidade ensina-nos que o homem está também, sujeito ao império das leis de natureza econômica.

Assim a ética do amor (moral), da paz, da solidariedade entre os homens não deriva da vontade de quem quer que seja, mas de uma necessidade social porque, estando os homens privados do alimento, da saúde, do trabalho, da educação, que em suma representam o "*pão nosso de cada dia*", se descontrolam, se degeneram, se violentam, e apelam para o próprio instinto de conservação, redundando para o egoísmo das lutas de concorrência que acabam se degenerando, finalmente, em conflitos, violências, guerras, trazendo consigo todas as mazelas e vícios que corrompem a moral do ser humano. A paz, a solidariedade, é imanente à natureza das leis de economia.

Para renovar a cultura da vida é necessário envidar esforços conjuntos, e levar às autoridades constituídas propostas sadias, sérias. Se as leis de Produção Social para acabar com a fome e com o desemprego, fossem honestas, sérias, justas, estariam dominadas pelo amor e seriam a chave para ajustar-se às aspirações de Jesus e da Doutrina dos Espíritos, pois que "*numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome*"(5). Kardec comentando a resposta dada pelo espírito, nos diz: "*Com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por culpa sua pode faltar o necessário. Porém, suas próprias faltas são freqüentemente resultado do meio onde se acha colocado. Quando praticar a Lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e ele mesmo será melhor*".

Ampliando os conceitos de justiça social espírita podemos sentir e ver que o homem, nosso semelhante, nosso irmão, se degrada física e moralmente, embrutece-se, quando compelido a pedir esmolas. Uma sociedade que se alicerce nas leis de Deus e na Justiça, deve prover a vida do fraco sem que haja para ele humilhação. Deve assegurar a existência e sobrevivência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à mercê do acaso e da boa vontade de alguns(6).

Para renovar a cultura da vida necessário se faz permitir que Jesus adentre nossos corações; para que a sociedade possa ser considerada civilizada, de duas nações, "*na legítima acepção do termo, é aquela: onde as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde sem parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontra sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam respeitadas; onde exista o menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário*"(7).

O homem como Espírito imortal, para atingir seu desiderato de progresso, necessita de lutar e contribuir para uma sociedade mais justa, mais solidária, tendo por missão, além de sua própria evolução, também a de trabalhar pelo melhoramento material do planeta, o qual, para nutrir uma população sempre crescente, é necessário aumentar a produção. Por isso as relações entre os povos se fazem necessário(8).

Para renovar a cultura da vida é imprescindível a conscientização das autoridades, dos que detém o poder econômico, de que enquanto persistir a fome no mundo, NÃO haverá fraternidade, nem liberdade, nem igualdade, nem moral cristã que possa impedir a violência, o crime, a miséria, os desregramentos físicos e morais, pois que são obras dos dominadores, dos exclusivistas, dos egoístas, dos corruptos e corruptores, os quais detém em suas escassas mãos o poder econômico, em grande parte fruto do trabalho produtivo de milhões de seres.

Josué de Castro, quando presidente da F.A.O., na reunião do Conselho Mundial da Paz, em Estocolmo, em 18 a 23 de Novembro de 1954, alertava o mundo, e, 44 anos após a advertência ainda é válida. Disse Josué de Castro: "*É difícil obter a Paz Universal sem a unidade do mundo. Não se alcançará jamais uma paz estável num mundo dividido entre a abundância e a miséria, entre o luxo e a pobreza, entre o esbanjamento e a fome. É absolutamente necessário terminar com esta tremenda desigualdade social*".

Ao contemplarmos o mundo hoje, vemos que a situação ainda é a mesma. Urge uma renovação da cultura da vida.

Porque temer a superpopulação?

Bibliografia:

- (1) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 625
- (2) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 132 e 166
- (3) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 766
- (4) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 880
- (5) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 930
- (6) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 888
- (7) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - comentário de Kardec à resp. da perg. 793
- (8) O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - Cap. XVI - item 7

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - IX

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

Porque temer a superpopulação? Porque temer a falta de alimentos?

A Terra é um dos principais bem de produção e como tal deve seus produtos serem estendidos a todo ser humano, pois nela, na Terra, reside um dos meios de conservação da vida. A Terra sempre produzirá de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam, uma vez que somente o necessário é útil. O supérfluo nunca o é(1).

Mas, aparentemente, parece que a Terra não produz o suficiente. É que o homem não sabe contentar-se com o necessário e emprega no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário(2).

No mundo deparamos com milhões e milhões de seres humanos em estado de miserabilidade, de fome, de falta de recursos. A que atribuir isso? Existirá realmente falta de alimentos? Qual a causa da carestia dos gêneros em relação à falta de recursos da imensa maioria da população?

Assistimos através da imprensa escrita, falada, televisionada a quantidade fabulosa de toneladas de alimentos estocados, deteriorando, apodrecendo, nos armazéns deste imenso país.

Para que? Qual ou quais os objetivos?

Para manipulação de preços, maiores lucros, maior fome, miséria.

Qual a fonte, a causa da miséria, da fome?

A fonte está no egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que lhes cumpre.

Se é certo que a civilização, que o aumento populacional, multiplica as necessidades, também o é que multiplica as fontes de trabalho e os meios de viver. A natureza, a Terra, não pode ser responsável pelos defeitos da organização social, nem pelas consequências do egoísmo, da ambição e do amor próprio(3).

A necessidade de viver implica logicamente o direito de uso dos bens da Terra(4). Aqueles que esquecendo-se das leis de Deus, açambarcam os bens da Terra com prejuízo daqueles a quem falta o necessário à subsistência, terão de responder, perante as Leis Naturais da Vida, pelas privações que houveram causado aos outros. Os que vivem, os que acumulam riquezas, à custa das privações dos outros, exploram, em seu proveito, os benefícios da civilização, que pertencem à humanidade(5).

Falávamos no estudo anterior, que não haveria como compreender e aceitar em nossas consciências, uma queda com dissociação entre o conhecimento espírita e as exigências éticas a propósito da vida, com certos comportamentos inaceitáveis.

Não podemos tergiversar ante o erro. Não devemos, por comodismo, por subterfúgios tentar adaptar o conhecimento consciente, aos nossos interesses pessoais.

Não há temeridade ante a superpopulação quando o homem olhar seu semelhante como seu irmão, quando amá-lo como a si mesmo.

A Doutrina Espírita é contrária à restrição à natalidade, porque entende e demonstra que as leis do progresso saberão criar, necessariamente, novas condições da vida, eliminatórias dos receios da superpopulação, uma vez o homem passe a caminhar ao lado destas leis, construindo uma sociedade alicerçada nas leis do Amor e da Solidariedade.

Para renovar a cultura da vida mister se faz permitir ao homem (espírito imortal) realizar seus desejos e aspirações, crescer, aperfeiçoar-se. Para tanto impõe-se que a renda social seja distribuída de forma a evitar a disparidade aberrante, clamorosa, em que parcelas ponderáveis da população vivem em estado de miséria absoluta, determinado pelo sistema social vigente na Terra. É imprescindível que os resultados da vida social sejam distribuídos e que todos possam ter acesso. Se a base imutável do governo é a democracia, a base imutável da democracia é a unidade dos direitos humanos, consubstanciados na necessidade do direito de viver, livremente e em paz, inerente a todo ser humano.

Conforme já vimos, numa sociedade organizada segundo a lei do Amor, ninguém deve morrer de fome(6).

Qual a mensagem, a chave, que o Espiritismo mostra ao homem?

Para mudar, transformar, renovar a cultura da vida, necessário se faz que os bons, que são tímidos, queiram preponderar, pois são a maioria, e os maus por serem intrigantes e audaciosos, mas em minoria, sobrepujam os bons(7), pela sua intriga, audácia e astúcia.

Uma das conspirações existentes contra a vida encontra-se nos obstáculos à função natural do exercício da maternidade. Nos povos onde reina o princípio egoísta, de manter a abundância ao lado da escassez, do luxo ao lado da miséria, a prole numerosa cria situações insolúveis por falta de meios de subsistência, de saúde, de educação e cultura. Tais fatos não ocorreriam em uma sociedade a serviço do homem, espírito encarnado, sob a égide de Jesus.

A sociedade atual, dirigida por "*crístãos*" (sem o Cristo) em sua maioria, através de seus filósofos, "*consideram*" a fome e a miséria, à conta do crescimento populacional, motivo pelo qual procuram resolver o angustiante problema, conspirando contra a vida, impingindo a cultura da morte, apresentando medidas contraceptivas, abortivas, eutanásias, guerras, etc.

Tais "*programas*" visando obstaculizar a reprodução, são contrários à Lei da Natureza e obviamente contrários à Lei Geral(8) para alguns, e para outros, consiste na satisfação da sensualidade, comprovando a predominância do corpo sobre o espírito, demonstrando quanto o homem ainda é materialista(9). O termo sensualidade aqui empregado não se restringe somente à lascívia, à luxúria, mas sim e também, ao amor aos prazeres materiais, ao luxo, a opulência, ao desperdício, dentro de uma sociedade tipicamente hedonista.

Obstando a natalidade por quaisquer métodos, programas, estaremos obstando a *reencarnação*, impedindo que os Espíritos progridam, se aperfeiçoem.

A renovação da cultura da vida pede a participação de todos, educando, ensinando, lutando, expondo a Verdade objetiva e que liberta, não a verdade mentirosa, falsa, que cria cadeias, algemas, ao espírito se- quioso de progresso.

O Espiritismo não cria a renovação social; a madureza da humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Para secundar o movimento da renovação o Espiritismo é a mais apta das doutrinas(10).

O Espiritismo diante da renovação da cultura da vida, nos ensina que não será ele (o espiritismo) que fará as instituições do mundo regenerado; os homens é que as farão, sob o império de justiça, de caridade, de fraternidade, de solidariedade, mais bem compreendidas, graças ao Espiritismo(11), destruindo uma das chagas da sociedade, o materialismo(12). Por materialismo não se deve entender somente a crença ou des- crença de Deus, mas sim, ao espírito, à conduta de lascívia, luxúria, impiedade, de exploração, de desperdício dos bens da Terra, de impunidade, de corrupção e todos os outros males que assistimos no momento presente.

Para a conquista deste desiderato, lembremo-nos de Jesus, de quem Rui Barbosa comentou: "*Foi como agitador do povo, e subversor das instituições, que se imolou Jesus*". A missão de Jesus concentrou-se na defesa, espiritual e material do povo, e por isso mesmo, foi perseguido por motivos políticos. Na sua sen- tença de morte, inscreveu-se que foi condenado como "*homem sedioso, contrário ao grande imperador Ti- bério Cezar. Congregando muitos homens ricos e pobres, não tem cessado de promover tumultos, negando o tributo a Cezar*".

Vamos seguir Jesus e Kardec? Quem se habilita?

Bibliografia:

- (1) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 704
- (2) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 705
- (3) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 707 e comentário de Kardec
- (4) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 711
- (5) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 717 e comentário de Kardec
- (6) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 930
- (7) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 932
- (8) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 693
- (9) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 694
- (10) A Gênese - Allan Kardec - Cap. XVIII, nº 26
- (11) Obras Póstumas - Allan Kardec
- (12) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 799

VALORIZAÇÃO DA VIDA HUMANA - X

Escreve: Rubens Pollicastro Meira

Em face do atual momento histórico, por qual passa a humanidade em geral e o Brasil em particular, impõe-se a renovação da cultura da vida. Não se concebe mais a passividade da sociedade organizada, diante do desrespeito frontal aos princípios de justiça que todos assistimos. Tal passividade não se coaduna e mesmo fere frontalmente os princípios norteadores da Doutrina de Jesus em geral, e do Espiritismo em particular.

Falamos insistentemente ao longo do estudo em um movimento de renovação da cultura da vida, que congregaria quaisquer indivíduos, sejam espíritas ou não, mas que estivessem imbuídos do sentimento humanista, de solidariedade, de amor ao próximo, com a finalidade de iniciar a escalada rumo à contribuição efetiva ao progresso, à justiça. Nosso coração, nossas portas estão abertas a todos que quiserem discutir, analisar e estudar os rumos a tomar, os quais repousam sobre uma base comum: *O direito de viver*.

Enfocamos ao longo do estudo um assunto deveras complexo, uma vez que tratamos de situar os problemas sociais, as causas e possíveis meios de solucioná-los, sob a ótica de Jesus e da Doutrina dos Espíritos.

Procuramos demonstrar que a pobreza, a miséria, a violência, os vícios, a prostituição, resultam de um desequilíbrio social, tendo um percentual elevado, com origem no egoísmo, no amor próprio, e que não raro influí nos hábitos morais.

A moral é uma questão de costumes, e os costumes sociais são feitos, são elaborados pelo homem e não por Deus(1). Assim a moral dos poderosos, dos egoístas, difere da moral de Jesus, da moral espírita, por motivos de ordem objetiva e social.

Por isso a moral espírita é diferente da moral dos poderosos, dos dominadores, dos corruptos, dos enganadores, dos exploradores, porque não dissocia do direito a moral, para que essa mesma moral signifique um dever de lutar por uma organização social, por uma sociedade, que assegure ao homem a liberdade e a justiça dos direitos inalienáveis à vida.

A moral então deverá estar alicerçada numa realidade econômico-social, para a qual o conceito de felicidade individual estará obrigatoriamente subordinado à felicidade da comunidade.

Utopia, pensarão muitos. Não. Realidade, pensamos nós.

Como a Doutrina Espírita define a moral?

Pela prática do amor ao semelhante.

"O homem procede bem quando tudo fez pelo bem de todos, porque, então, cumpriu a Lei de Deus"(2).

E qual o primeiro direito de todos os homens, a ser objeto do nosso procedimento, na luta pela renovação da cultura da vida?

"O primeiro de todos os direitos naturais do homem, é o direito de viver"(3).

Pelas razões exaradas ao longo de nossa análise é que afirmamos que nenhum ser humano de bom senso, cristão ou não, espírita ou não, pode eximir-se de participar objetiva e concretamente no chamado da luta pela valorização da vida e conseqüentemente do ser humano, no atual momento histórico. Já dizia o poeta popular: *"Quem sabe faz a hora, não espera acontecer"*.

Conclamamos dessa forma, cristãos e não cristãos, espíritas e não espíritas, trabalhadores, empresários, professores, intelectuais, a cerrarem fileiras em torno da luta por uma sociedade mais justa, mais solidária, consubstanciada nas leis naturais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, as quais por si sós, constituem o programa de uma nova ordem social capaz de realizar o mais absoluto progresso da humanidade.

Quem aceita Jesus e Kardec, não pode viver e conviver com uma aceitação passiva do erro.

Jesus e Kardec precisam e necessitam de servos idealistas, objetivos, capazes de romper as barreiras do silêncio a que o espírito egoísta, usurpador, vigente no planeta submeteu seus seguidores, tornando-os tímidos ante a intriga e audácia dos maus. Quando os bons quiserem, deixarem a timidez, se fortalecerão e preponderarão sobre os maus(4).

A renovação da cultura da vida irá exigir de todos a coragem de assumir um novo estilo de vida, uma mudança de comportamento em relação ao semelhante, uma nova e justa escala de valores:

Á PRIMAZIA DO SER SOBRE O TER, DO INDIVÍDUO, DA PESSOA, SOBRE AS COISAS, O QUE LEVARÁ O HOMEM A UMA RECONCILIAÇÃO COM A VIDA.

Sabemos e estamos cientes de que é grande a desproporção existente dos meios de que estão dotados as forças que impulsionam a "*cultura da morte*", e os escassos, minguados meios que dispõem os que se propõem a uma cultura da vida e do amor, no entanto, sabemos que podemos confiar nas Leis da Vida, nos bons Espíritos, em Jesus, na sua ajuda, para os quais nada é impossível.

Confiemos. Confiemos em nossos propósitos de renovação pois assim estaremos contribuindo para a criação do reino da Paz, do Amor, da Solidariedade, preconizado por Jesus, aqui na Terra.

Bibliografia:

- (1) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 863
- (2) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 629
- (3) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 880
- (4) O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - perg. 932